

O HUMANISMO DE ERASMO

MARIA DE LOURDES SIGADO GANHO

UNIVERSIDADE DO PORTO - CITCEM

msirgadoganho@gmail.com

RESUMEN: Enquadrando-se no âmbito das comemorações dos «500 anos da edição do Elogio da Loucura (1511) Erasmo e a Europa, este artigo propõe uma interpretação da referida obra com base na procura de uma definição para a «loucura».

PALAVRAS-CHAVE: Erasmo, Elogio da Loucura, Europa.

ABSTRACT: Framing is part of the celebrations of the «500th anniversary of the edition of Praise of Folly (1511) Erasmus and Europe, this article proposes an interpretation of the work based on the search for a definition for "folly».

KEY-WORDS: Erasmus, Praise of Folly, Europe.

Desidério Erasmo, mais conhecido como Erasmo de Roterdão, devido a ser natural desta cidade, terá nascido cerca de 1467 e faleceu em Basileia em 1536.

Representante maior do Renascimento, temos, contudo de o situar, dado que faz parte do século XVI. O Renascimento caracteriza-se por ser um momento de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, em que o século XIV já anuncia este movimento de rinascita, de renascer, do que é clássico, ou antigo, por oposição ao que é velho, ou seja Escolástico.

O homem do Renascimento, como mostrou bem Eugénio Garin, sente-se diferente do homem da Escolástica e como que opera uma rutura, ligando-se aos gregos e os romanos como a fonte do seu saber. No entanto, temos de ter em consideração que há três séculos nos Renascimento, que o século de ouro é o séc. XV - momento de afirmação do humanismo renascentista, em que os seus representantes se sentiam diferentes, e se intitulavam estudiosos das humanidades, promovendo, por isso mesmo, o *studiahumanitatis*, ou seja, o estudo de um conjunto de disciplinas consideradas humanidades, a saber: a história, a filosofia moral, a literatura.

Neste século são figuras maiores, Marsilio Ficino e Giovanni Pico dellaMirandola, autores que o influenciaram, embora, na sua formação já se encontre, anteriormente ao contacto com o pensamento destes autores, o desenho humanista, diferente do *studiahumanitatis*. O século XVI, de facto, num desenvolvimento renascentista que vai para lá dos Alpes, movimento

cisalpino, encontra em Erasmo a sua principal figura.

Erasmo é um humanista pelo modo como privilegia os antigos, veja-se o conhecimento profundo que possui da mitologia greco-latina, que usa abundantemente na sua obra *Elogio da Loucura*, mas também o seu sentido da livre arbítrio, de valorização da patrística, pois os Padres da Igreja são, para os homens do renascimento, que criticavam os Doutores da Escolástica, os clássicos da Teologia, a atenção dada à paz, quer no que diz respeito à guerra, quer mesmo à concórdia entre as religiões, sendo a favor da unidade cristã, e tendo-se empenhado, fortemente, na sua defesa, ainda que no final, não tenha tido êxito, frente à rutura operada por Lutero. Se Giovanni Pico della Mirandola foi importante para a questão da liberdade, da paz e da unidade das religiões em nome do cristianismo, Marsilio Ficino não o foi menos no que diz respeito ao modo com sentiu a necessidade de uma renovação espiritual do cristianismo, mas conciliando essa atitude com Platão, pois o renascimento assinala, verdadeiramente, o retorno de Platão, lido no original grego, traduzido desse mesmo original. Contudo, o autor que mais o terá influenciado, em função do cariz dos seus estudos, foi Lorenzo Valla, devido ao seu interesse filológico.

De certo modo, podemos afirmar que o renascimento, para lá dos Alpes, ou seja entre os germânicos se deve a Erasmo. Na Grã Bretanha, embora seja uma figura menor, Tomas More partilha este seu entusiasmo.

Vejamos, então, um pouco da sua vida, pois o seu percurso é significativo: tevedesde criança uma educação religiosa e entrou nos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. Contudo, esta vida não o satisfazia e conseguiu ser secretário do Bispo de Cambrai. Em 1455 estuda teologia em Paris, centro Escolástico, que, mais tarde, o faz criticar os espírito sorbónico . Entretanto visita a Inglaterra e torna-se amigo e discípulo de Colet, e amigo de Tomás More, aqui, já numa atitude própria do humanista que iria ser, estuda literatura clássica e os Padres da Igreja, em seguida estuda grego, publicando uma obra intitulada *Manual do Cavaleiro Cristão*, uma espécie de breviário de religiosidade humanística. Revela-se um grande filólogo, de tal modo que no que diz respeito ao seu conhecimento do grego afirma que o grego dos Apóstolos não é o de Demóstenes, pois é o grego mais popular, que podia ser entendido por qualquer um. Este era um dos seus desideratos. Em seguida, cerca de 1506, vai para Itália, Torino, aí recebe o título de Doutor em Teologia. Publica os *Adagia*, que são constituídos por cerca de 3000 provérbios de autores clássicos, que lhe vai permitir, no *Elogio da Loucura* fazer tantas referencias a partir destes. O *Encomium Moriae* é redigido em 1509, numa semana, enquanto cavalga de Itália para a Grã-Bretanha. Aqui na Grã-Bretanha vai dedicar-se ao estudo do grego e de São Jerónimo.

Como não sente interesse pela vida monástica , o Papa Leão X dispensa-o

e passa a fazer parte do clero secular. Em Lovaina trabalha na versão grega do Novo Testamento e publica em Berlim obras sobre os Padres da Igreja: São Jerónimo, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Crisóstomo.

Quando a reforma de Lutero ganha forma, Erasmo não toma partido mas, nessa altura, redige uma obra intitulada *De Libero Arbitrio*, por oposição à posição de Lutero, o qual mais tarde irá redigir uma obra intitulada *De Servo Arbitrio*.

Em 1526 escreve a obra intitulada *O Defensor*, na qual se defende de Lutero e, ao mesmo tempo, se demarca das suas posições religiosas.

Hermenêutica da obra «Elogio da Loucura»

O *Elogio da Loucura*¹ é uma obra literária onde emerge a personificação mitológica da loucura, a qual é tomada, ironicamente, como simulacro, como artifício literário. E, nesse sentido, refere: «simular a loucura do louco é a suma sapiência»².

A obra, de 1508, redigida numa semana, é dedicada ao amigo Tomás More, em casa de quem esteve, dado que ambos se preocupam com questões relativas à sociedade da sua época como, por exemplo, a pobreza em que o povo vivia, ou mesmo a questão relativa à promoção da justiça. Enquanto pensadores ambos são cristãos platónicos, ou seja, neoplatónicos cristãos.

Erasmo, ao dedicar a obra ao amigo Tomás More, joga com a palavra *moria* (loucura) e *Morus*, considerando que são palavras próximas, mas que a pessoa de Thomas Morus está bem longe da de *moria*. Diz-nos Erasmo: este é um «divertimento do meu espírito» que não irá ofender o amigo, pois este está bem longe do vulgo e, na medida em que este lhe é dedicado, saberá defendê-lo, não obstante saber que esta obra terá os seus detratores. E remata: mas isso que importa à loucura?

Será, então, através da loucura, que é uma espécie de «mundo às avessas» que se irá tentar compreender o que está às avessas na própria realidade: «Nada mais tolo do que tratar a sério de frioleiras; nada mais espirituoso do que pôr a frivolidade ao serviço do que é sério»³. De notar que o título original da obra é o seguinte: «*Moriaeenkomion, id est, stultitiolaus*». Loucura, estultícia, folia, mas esta loucura não significa loucura como doença mental. Trata-se da loucura dos «adágios», é aquilo a que chamamos «de loucostodos temos um pouco». Com efeito, no texto distingue dois tipos de loucura: aquela que considera «pestilenta» e que recusa, e a que como «uma doce ilusão liberta a alma dos seus

1 ROTERDÃO, Erasmo de — *O elogio da loucura*, (sigla: EL).

2 EL, p. 118

3 EL, p. 9.

penosos cuidados»⁴, sendo por si considerada uma dádiva dos deuses.

Estamos perante um monólogo satírico, mas muito crítico, como iremos ver. Ainda na dedicatória reivindica o direito à liberdade de «rir das inferioridades da vida humana, com a condição de não ofender ninguém»⁵. Este é um traço diplomático da sua personalidade. A liberdade, tão exaltada no renascimento, é um tema caro ao autor e, nesse sentido, a loucura vai servir-se dela para exercer o seu espírito crítico. Além disso, sendo um humanista que conhece bem a mitologia grega e romana, usa-a bastas vezes na sua obra, bem como refere também os «provérbios» de que fez a coleção.

A loucura é uma máscara e, por isso, permite que se diga tudo, é mordaz, critica tudo e todos, critica os «doutos» que pagam para ouvir louvores⁶. Sendo a lisonja um vício (colacia) que conduz ao engano. A loucura, porém, é sincera⁷ e não usa o discurso retórico, porque esse é falso e petulante. Por isso refere: «não espereis, pois, que seguindo o uso desses retóricos, faça a divisão do discurso»⁸. Ela, de facto, é sincera, não mente e como confirmação faz a seguinte menção: «o rosto não mente porque é o espelho da alma». Este é um topos do renascimento, a saber o interior espelha-se no exterior. Miguel Ângelo a propósito da juventude da Virgem da Pietà de São Pedro fez uma referência idêntica: uma mulher casta e pura como a virgem Maria, não se corrompe, por isso é sempre jovem.

Assim, a loucura é idêntica a si mesma, o seu interior resplandece no exterior e a sua atitude é a de criticar. A sua crítica dirige-se aos que dissimulam e a quem chama de «macacos vestidos de púrpura»; «asnos cobertos com pele de leão»⁹. Para Platão, filósofo central no renascimento, os burros eram os mais infelizes de todos os animais, o mesmo aparece nas fábulas, nos provérbios. Neste caso, Erasmo segue esta linha que o renascimento recuperou. Asnos que se querem fazer passar por sofos, por doutos e, nesse sentido, interroga-se: não serão «loucos sábios»? Emerge já aqui o gosto pelo paradoxo, pela contradição, que o texto tantas vezes evidencia. E o usar da máscara.

Mas, então, quem é esta «loucura»? Erasmo traça a sua origem: moria é filha de Pluto (o deus da riqueza, que «tudo arbitra: guerra, paz, governo, conselhos ... artes, distrações, trabalhos ... falta-me o folego»¹⁰, administrando os negócios públicos e privados de todos os mortais. E é filha de Mocidade (a mais bela e festiva das ninfas). Nasceu do «puro comércio amoroso». Veremos como o

4 EL, p. 61-62.

5 EL, p. 10.

6 Cf. EL, p. 15.

7 Cf. EL, p. 16.

8 EL, p. 16.

9 EL, p. 16

10 EL, p. 18.

amor é central neste texto. O seu lugar de nascimento são As Ilhas Afortunadas (utopia, como mais tarde a ilha de utopia de T. More) A utopia é um traço renascentista e a obra *O Elogio da Loucura* pode ser interpretado a esta luz. O importante é que nasceu onde há felicidade e alegria. Ali foi alimentada pelas ninfas Embriaguês (filha de Baco) e Rusticidade (filha de Pan). Outras ninfas a acompanham. Ora, com esta linhagem, com estas companhias, a loucura tem, também, o seu poder¹¹.

Esta felicidade, tão exaltada pelo homem do renascimento, é real, por oposição à sabedoria que gera infelicidade, daí a seguinte afirmação: «quanto maior for a sabedoria, menos feliz a vida»¹². Esta felicidade e alegria estão ligadas à infância e à adolescência, enquanto a infelicidade está ligada à sisudez da idade adulta. À medida que o ser humano vai crescendo vai-se afastando da loucura, até chegar à senilidade. Portanto, vai vivendo com menos intensidade, até voltar à «puerícia dos velhos»¹³. Daí conclui Erasmo / loucura: os extremos coincidem, os opostos coincidem, por isso os velhos e as crianças se afeiçoam tanto uns aos outros e por isso refere: «os deuses comprazem-se em unir os semelhantes», neste caso a irreflexão aproxima-os¹⁴.

A loucura ou folia, assim entendida, como irreflexão, confere felicidade e juventude. Os que se dedicam à reflexão, pelo contrário, envelhecem. Nesse sentido faz a seguinte menção: «Não vedes esses rostos tétricos que os estudos filosóficos ou que as dificuldades dos negócios fazem envelhecer antes de tempo, porque a cogitação assídua acaba por azedar o espírito e por exaurir a seiva da vida?»¹⁵

Ser criança, ter juventude, fruir o amor cego (Cupido nunca deixa de ser menino e é cego) é fonte de felicidade. Esta a razão pelo qual os deuses pagãos vivem de um modo feliz, de um modo natural. Também os homens, na terra, necessitam da loucura para serem alegres e felizes. Com efeito, a natureza deixou, com a sua providência, em tudo o «condimento da loucura». E claro, Erasmo reconhece na obra que nem todos estão de acordo acerca desta tese.

Deste modo, dá-nos o exemplo dos estoicos, que consideram, pelo contrário, que a razão é o bem superior a ser praticado pelo homem e, assim sendo, para estes «a sapiência não é mais que a conduta da razão», ou seja, ser sábio é ser racional. Pelo contrário, a loucura consiste em deixarmo-nos levar pelas paixões, para que a vida humana não seja totalmente triste.

E, neste momento, emerge aqui outro traço do pensamento de Erasmo, a

11 Cf. EL, p. 20.

12 EL, p. 23.

13 Cf. EL, p. 24.

14 Cf. EL p. 25.

15 EL, p. 26.

saber, a valorização da paixão, do sentimento, de um modo comedido, pois, no seu entender, permitirá alicerçar o afeto, que considera ser muito necessário para a verdadeira vivência cristã, que deve ser simples e despretensiosa, como veremos mais adiante.

De facto, acerca da paixão, Erasmo distingue entre as paixões negativas, como a ira, a concupiscência, sem dúvida fontes do mal, e aquela que é natural no homem, dado que o sentir, a vontade, a liberdade, quando aliadas à razão, orientam para a virtude, para o bem e, portanto, elevam o homem. Há aqui uma clara afirmação da renascentista importância da filosofia moral.

Ligado a este pendor moral, as paixões tanto podem dizer acerca do homem que segue e volúpia, a embriaguez, por exemplo, considerando-as delícias, como pode dizer do homem que cultiva a amizade, mas sublinha, aquela amizade que é cultivada pelos filósofos como «um dos melhores bens da humanidade»¹⁶. Tanto uma como outra são propiciadas pela loucura que a tudo atende.

Há amizades e há amores em que a loucura está bem patente e, nesse sentido, dá um exemplo: «um pai diz que o filho estrábico tem uns lindos olhos»¹⁷. Ora isto é loucura, mas esta deve-se à imperfeição humana, à fraqueza da condição humana, que não está isenta de defeitos e de vícios. Mas, como já mencionei, para a loucura o amor é cego, como Cupido e, nesse sentido, faz a descrição, muito crítica, do casamento, devido ao facto de este assentar muitas vezes na falta de moral¹⁸.

A relação ao outro, porém, é fundamental para Erasmo e, numa clarificação da relação com o outro, fez a seguinte menção: «não pode amar alguém, aquele que se aborrece de si próprio». Hoje falamos em autoestima. Aqui revela-se um perscrutador da alma humana, do seu sentir e pensar. Ora, como uma tal situação é muito comum, considera que sem a loucura não seria possível suportar o próximo¹⁹. Nesse sentido, refere: «Nas acções da tua vida, tanto para contigo como para com os outros, o princípio é o decoro, este é-te cedido pela Filáucia que está sentada á minha direita e que merece o atributo de minha irmã»²⁰. A filáucia, ou seja, o amor de si próprio, com efeito, é dotada de grande ambiguidade, pois permite que ninguém esteja descontente consigo mesmo, por isso ela é «o maior de todos os dotes»²¹. Ironicamente!

Contrapolarmente, temos os filósofos, inúteis relativamente às coisas da

16 EL, p. 34.

17 EL, p. 34.

18 Cf. EL, p. 35-36.

19 Cf. EL, p. 37.

20 EL, p.37.

21 EL, p.38.

vida, pois não servem para a guerra, não têm inteligência militar²². Contudo, quanto á inutilidade dos filósofos acrescenta uma correção, pois considera que nem todos os filósofos são assim, pois, tal como Sócrates havia referido, há os verdadeiros filósofos. No entanto, quase todos desconhecem o concreto da existência, bem como as «opiniões do vulgo»²³. É por isso que se interroga, ainda que seja platónico: «que cidade aceitou as leis de Platão, ou de Aristóteles, ou ainda os dogmas de Sócrates?»²⁴ Com efeito, estas leis deviam ser aceites, mas a verdade é que as cidades são governadas, tal como a vida humana, pelo jogo da loucura.

Por isso mesmo, à loucura deve-se prestar atenção, «com os ouvidos e com a alma». Trata-se da relação entre o corpo e a alma, embora seja necessário saber como compreender esta relação. Tal como a atitude de prudência tanto pode orientar para o bem como para a inanição, a relação corpo - alma também pode orientar para o bem, ou para o mal, e isso depende da alma, de facto, esta última, ou comanda, ou deixa-se inebriar pelos sentidos e fica aprisionada neles. Este é um motivo claramente platónico, como é evidente.

Podemos afirmar que, á maneira platónica, valoriza a alma e quando se refere aos reis considera-os dominadores, mas tal como Platão defendia, devem ser instruídos, como nos diz: «com o que é bom para a alma, se não estiver satisfeito sem nada não passa de um ente paupérrimo»²⁵. De facto, se o rei viver segundo o paradigma do vício, então, não passa de um escravo.

Mas, na vida, tudo tem de ter o condimento da loucura e a razão de ser de tal situação tem a ver com a vida dos mortais, a qual é como uma comédia, onde as máscaras têm a sua função. De onde a seguinte afirmação. «Tudo no mundo é disfarce, e no teatro igualmente»²⁶. Assim sendo, a vida é uma comédia, onde estultos e sábios têm o seu lugar: o estulto é guiado pelas paixões, o sábio pela razão. E a este propósito volta a referir Séneca, o estoico, que proíbe as paixões, mas como já mencionei, Erasmo considera a paixão constitutiva do humano, dado que suprimir a paixão no homem é anular uma parte do próprio homem. Diz-nos: «um homem alheio a todos os sentidos da natureza, incapaz de afectos, que nem o amor nem a misericórdia podem comover – qual duro sílex, ou mármore de Paros»²⁷. Vemos aqui um traço da sua genialidade e que se afirmava em contracorrente, relativamente à sua época e ao seu platonismo.

Ora, o estoico pode negar esta realidade ao homem, mas o estulto é aquele

22 Cf. EL, p.39.

23 EL, p. 42.

24 EL, p.43

25 EL, p.45.

26 EL, p.46.

27 EL, p.48.

a quem nada de humano é alheio, incluindo o afeto, a dor, o mal, quer este seja um mal natural, quer seja um mal provocado pelos próprios homens. O mal moral, porém, é apenas reconhecido por quem possui senso, ou seja, razão.

Reconhecer o mal, afirmar o bem, é algo que está na natureza humana. Afirmar a felicidade é próprio dos estultos, porque os sábios estão bem longe dela. Nesse sentido afirma, nesse gosto pelo paradoxo: «ó estultíssimo sapiente, quantas noites e quantos dias crucificaste a tua alma com solicitude, repara em quanto a tua vida inteira tem sido incómoda»²⁸. Ora, estes sábios, estes doutos, são os que mais perturbam os reis, pois estes últimos preferem os bobos aos «sofos», dado que os sábios não possuem a alegria dos bobos. E mais uma vez acerca dos estultos: «só eles são simples e verídicos». Simplicidade e veracidade são virtudes que Erasmo quer ver colocadas em ação pelo cristão.

Mas, na existência, nem tudo é verídico, os reis, por exemplo, nunca ouvem a verdade, devido ao gosto pela adulação, pela lisonja. Os reis não têm amor à verdade, a menos que esta lhes seja dita de um modo agradável, desde que não ofenda, ou seja, quando proferida por um louco²⁹.

Deste modo, para que o humano seja valorizado há que ter em consideração a paixão e as suas consequências – o rir, o riso é próprio do louco, mas também é verdade que todo o homem ri³⁰. Mas há outras paixões a ter em conta, assim, em nome do humano em nós, começa a enunciar atos que considera criticáveis: em vez de ter apreço pela caça, ter-lhe horror (de notar, que também Tomás More faz esta referência na obra *Utopia*), criticar a alquimia, tão em voga no Renascimento, bem como os jogadores de dados, um terrível vício que, como refere: «os velhos quase cegos que jogam até os óculos»³¹. E aqui não podemos deixar de evocar a obra de Dostoiévski *O Jogador*.

Mas também critica os milagres e os prodígios, as superstições, as invocações aos santos intercessores e, nesse sentido, conclui: «É que a vida de todos os cristãos está cheia destes delírios»³². Daqui decorre a sua crítica relativamente a certas formas de culto cristão, que o conduz a mencionar: «A turba oferece à Virgem, Mãe de Deus, uma vela, até mesmo ao meio-dia, que não serve para nada. Contudo, poucos se esforçam por aceitar as virtudes, a caridade, a modéstia, o amor das coisas celestes»³³. Ora, em seu entender, os estúpidos e os rústicos é que adoram estes sinais, como se fossem os próprios deuses.

E como a loucura não prima pela lógica, passa à crítica aos negociantes,

28 EL, p.57.

29 Cf. EL, p.59.

30 Cf. EL, p.63.

31 EL, p.65.

32 EL, p.69.

33 EL, p.78.

que considera sórdidos, pois roubam, enganam e consideram-se pessoas importantes. O homem, esse animalzinho destinado a morrer, perde-se em ninharias, até é capaz de dedicar parte da sua vida à gramática, torturando-se, como diz, para: «distinguir de um modo certo as oito partes da oração, o que ninguém conseguiu fazer de maneira decisiva entre os gregos e os latinos». E um pouco mais à frente crítica, com ironia: «mais sábios são ainda os que editam obra alheia por sua»³⁴. Já aqui se desenha a crítica ao plágio, aliás de acordo com a forma mentis renascentista.

Erasmo, como é natural, em função do seu modo de pensar, lança uma crítica aos filósofos, e começa pelos sofistas: «bastam-lhe três silogismos para se julgarem aptos a discutir com qualquer pessoa qualquer assunto»³⁵. Mas também critica Platão devido ao seu Mundo das Ideias, tão desligado do mundo sensível, nota-se aqui a crítica de Aristóteles ao mestre, mas Erasmo também critica Aristóteles, bem como São Tomás de Aquino. Na sua crítica seguem-se os astrólogos e os teólogos, dado que estes «explicam de uma maneira arbitrária os arcanos dos mistérios»³⁶. Critica a Escolástica e contrapõe São Paulo, pois este praticou a caridade, mas não a defendeu dialeticamente «na 1ª Epístola aos Coríntios».

Nesta linha, acarinha os Apóstolos que inculcam a Graça e a caridade, mas não se preocupam com as distinções. Os Apóstolos seguem a via espiritual: «Adorava, é certo, mas em espírito, nada mais do que a palavra evangélica: Deus é espírito»³⁷.

Com efeito, os clássicos da Teologia, para os homens do Renascimento, são os antigos Padres, nesse sentido, valorizam-se os Padres fundadores do cristianismo. Este é um dos traços renascentistas de Erasmo: os Apóstolos, São Paulo, os Padres da Igreja, todos eles são superiores aos atuais teólogos.

Mas, claro, nem todos os teólogos são criticáveis, pois como menciona, os mais instruídos nas letras têm «náuseas» perante as argúcias teológicas³⁸. Assim, é melhor adorar que explicar, até porque muitos teólogos não leem os Evangelhos, nem mesmo São Paulo, pois na verdade «estimam que a Igreja é sustentada pelo silogismo»³⁹. É muito claro que Erasmo o que critica, sobretudo, é a Escolástica decadente do seu século, embora não poupe as suas figuras cimeiras. Relativamente ao Inferno e à posição destes teólogos faz a seguinte referência:

34 EL, p.86.

35 EL, p.88.

36 EL, p.90.

37 EL, p.93.

38 Cf. EL, p.95.

39 EL, p.96.

«até falam do inferno como se estivessem estado nessa república»⁴⁰.

A sua crítica acutilante estende-se aos religiosos e monges que são ignorantes e por isso: «zurram os salmos», e as diferentes ordens religiosas rivalizam entre si, sinal de que «não procuram a semelhança com Cristo, mas a diferença entre eles».

Nesta sua crítica está pressuposta a ideia, em que acredita, de um cristianismo unificado, que procurou fundamentar, embora tenha ficado aquém do seu intento.

Mas central para Erasmo é a caridade, bem como o amor ao próximo. Sem dúvida considera que estes religiosos, estes monges esqueceram esta virtude, como no diz, esqueceram a lei da caridade.

No seguimento desta sua atitude, critica também os ritos, as vestes, os vários modos do religioso ou do monge afirmar a religião. Critica também a pregação, em que a retórica se sobrepõe à doutrina. E, nesse sentido, interroga: a tudo isto, que é criticável, qual a proposta de Jesus, para o homem? A resposta é clara: a caridade. E é por isso que Jesus prefere os «nautas» e os «forçados», como modo de provar o amor ao próximo⁴¹. Deste maneira, critica a pregação, pois para os teólogos a retórica sobrepõe-se à doutrina.

A sua crítica vai incidir, também, sobre os reis e os príncipes, pois estes, enquanto governantes devem ser íntegros, honestos, exemplos contra a corrupção a ambição desmedida. Além disso, não devem esquecer que terão de prestar contas ao «verdadeiro Rei», pela «mínima falta cometida»⁴². Contudo, a prática dos príncipes e dos reis não é esta, pois a sua vida não está ao serviço, não está em função daqueles que governam, a saber, o povo. A vida dos governantes é feita de caçadas, da procura do aumento das riquezas próprias através do fisco.

O príncipe que segue a fláucia e a colácia é aquele «que ignora as leis e é hostil à comunidade pública». Nestas críticas está pressuposta a tese de que não é possível desligar a política da ética. De facto, Erasmo não aceita a teoria de O príncipe de Machiavelli. Decorrente destas críticas, seguem-se as críticas aos cortesãos, porque lisonjeiam, porque não praticam o que apregoam, e são megalómanos⁴³.

Em seguida, vêm as críticas mais mordazes, que maiores problemas lhe trouxeram: críticas aos Papas, aos Cardeais e aos Bispos, que considera émulos destes príncipes. A sua fundamentação centra-se no facto de os seus atos não estarem, de acordo com os sinais que usam, e dá um exemplo: «a veste de linho

40 EL, p.97.

41 Cf. EL, p.100.

42 EL, p.107.

43 EL, p.108-109.

branco como a neve, é a insígnia de uma vida imaculada»⁴⁴; esquecem também que a palavra Bispo significa «labor», «cura», «solicitude» e que os Cardeais são os sucessores dos Apóstolos e, por isso, devem cultivar o espírito de caridade, resistir aos príncipes em nome da «grei cristã», seguindo o exemplo dos Apóstolos. Os Papas são criticados devido aos impostos, às indulgências, à volúpia quando, pelo contrário, as suas ações deviam ser «vigílias», «orações», «jejuns». Como refere, os Papas por obra da loucura «vivem isentos de pensar» e estão convictos de que Cristo está muito satisfeito devido áserimónias e aos ornatos⁴⁵. Ora, os Apóstolos foram aqueles que deixaram tudo, incluindo os bens, para seguir Cristo. Pelo contrário, estes prelados orgulham-se do seu património e alguns levam uma «vida pestilenta», entram em guerra. Para Erasmo «A guerra é coisa tão cruel que é mais própria de feras do que de homens»⁴⁶.

Erasmo, neste momento, começa a aproximar-se do final do monólogo e sente a necessidade de , através da loucura, fazer a sua própria defesa, pois as suas críticas acutilantes não estavam isentas de levantar-lhe problemas. Assim, afirma que critica em nome da estultícia, e tal facto significa que está alienado, tendo dito a verdade, mas sem ofender⁴⁷.

Mas que verdade? Na resposta dá-nos partedo seu programa: seguir a doutrina de Cristo com tolerância, de modo simples, sem ostentação, pregando o Evangelho com o gládio, não o da guerra, mas o do espírito, inculcando no coração dos homens a piedade⁴⁸.

Mas, em seu entender, os teólogos entendem por gládio tudo o que é ataque, até há quem prefira «queimar na fogueira os heréticos a convencê-los pela discussão»⁴⁹. Há, então, que voltar a São Paulo, que seguiu Cristo, após a sua conversão, e que foi um homem simples e reto, de acordo com o que agrada a Cristo, que tinha por companheiros diletos os pequenos, as mulheres, os pescadores⁵⁰. Cristo preferiu o burro, a pomba, o veado, o cordeiro, de tal modo que «Ele próprio se deleitava com o nome de Cordeiro»⁵¹. Assim, imitando Cristo, os primeiros autores da religião foram simples e inimigos das letras. Mas cultivavam a piedade cristã, procurando o que é espiritual, em vez de valorizarem o que vem através do corpo.

E aqui Erasmo traça a linha que une cristãos e platónicos, neste caso

44 EL, p.110.

45 Cf. EL, p.112.

46 EL, p. 114.

47 Cf. EL, p. 124.

48 Cf. EL, p. 126.

49 EL, p.127.

50 Cf. EL, p. 129. Note-se que São Paulo é um dos clássicos da Teologia, para os homens do Renascimento, o que faz da sua figura um exemplo recorrente.

51 EL, p. 131.

neoplatônicos cristãos: o modo como interpretam a relação alma – corpo, procurando que o invisível, a que corresponde a alma, se desligue, tanto quanto possível, do visível que é significado pelo corpo. Deste modo, o homem orienta-se para a verdade. A alma, verdadeiramente, segundo o princípio neoplatônico cristão, «utiliza sadiamente os órgãos do corpo», ao mesmo tempo que procura elevar-se⁵². A piedade cristã inscreve-se aqui, no movimento da alma voltada para o que lhe é próprio, ou seja, a vida espiritual.

Erasmo opera, assim, uma distinção entre o vulgo, que está ligado às coisas corporais e o pio, o piedoso, que se relaciona com a contemplação das coisas invisíveis, ou espirituais. Por isso, os pios vivem, primeiramente, para Deus, desprezam o dinheiro, têm as coisas como se as não tivessem. O vulgo liga-se demasiado à «grosseria do corpo», enquanto o piedoso está voltado para os «afetos médios»: amor à pátria, carinho para com as crianças, os parentes, os amigos. Ao pios amam o progenitor, não como aquele que o gerou, mas como um homem bom. Eis-nos perante um claro traço neoplatônico cristão.

Cultivando o espiritual não se permite a ira, a soberba. O homem piedoso dá valor à Missa, pelo elemento espiritual nela presente, enquanto o vulgo pensa que a Missa consiste em estar perante o altar, ouvir cânticos e assistir a cerimônias. O homem pio, que cultiva a vida do espírito, esquece os sentidos, orienta-se para o «sumo bem» e aspira à imortalidade da sua alma e, deste modo, ama a Deus e ao próximo.

Em conclusão, esta é a mensagem de Erasmo, que se efetiva através da loucura. Cultor das letras, mas enquanto em função de uma valorização do humano no homem, Erasmo afirma, indubitavelmente, um cristianismo humanista, em que os valores da liberdade, tolerância, simplicidade e supremacia do espiritual sobre o material, estruturam o seu modo de interpretar o mundo. Assim, promove um humanismo universal, fundado na convivência, na paz teológica a qual se deve estender à sociedade.

Depois de termos lido Erasmo, perdão, a loucura, será que não temos um sentimento de vizinhança? Serão os homens hoje tão diferentes do homem do Renascimento? Loucura, a máscara para a verdade e para o bem? Assim a pensou este homem, situado no seu tempo, marcado pelas aporias da multiplicidade de pensar e agir. Mas, verdadeiramente, quanto de atual está aqui afirmado. Por tudo isto Erasmo e a sua obra *O Elogio da Loucura*, permanecem, para nós homens do século XXI, como uma referência de modernidade.

52 Cf. EL., p. 134.